

e enciclopédia Itaú Cultural artes visuais

Castro, Willys de (1926 - 1988)

Biografia

Willys de Castro (Uberlândia MG 1926 - São Paulo SP 1988). Pintor, gravador, desenhista, cenógrafo, figurinista, artista gráfico. Muda-se para São Paulo em 1941, onde estuda desenho com André Fort. Entre 1944 e 1945, trabalha como desenhista técnico e, em 1948, forma-se em química. Em 1950, inicia estágio em artes gráficas e realiza suas primeiras pinturas e desenhos **abstrato-geométricos**. No ano de 1953, passa a executar obras de cunho **construtivista**. No ano seguinte, funda com **Hércules Barsotti (1914)** um estúdio de projetos gráficos e participa do movimento Ars Nova, realizando poemas concreto-visuais apresentados no Teatro Brasileiro de Comédia - TBC. É co-fundador da revista *Teatro Brasileiro*, em 1955. Faz cenários, figurinos e peças para o Teatro de Arena e o Teatro Cultura Artística. Em 1957, recebe prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais e trabalha como conselheiro-técnico da revista *Vértice*. Em 1958, viaja a estudo para a Europa e, no ano seguinte, ao voltar une-se ao **Grupo Neoconcreto** do Rio de Janeiro, ao lado de Hércules Barsotti, Ferreira Gullar (1931), **Franz Weissmann (1911 - 2005)**, **Lygia Clark (1920 - 1988)**, entre outros. Entre 1959 e 1962, realiza a série *Objetos Ativos*, trabalhos que exploram o plano e o volume como elementos plásticos, questionando a utilização da tela enquanto suporte da linguagem pictórica. No início dos anos 1960, integra o Conselho Artístico da **Galera de Artes das Folhas** e a Association Internationale des Arts Plastiques da Unesco, em Paris. É co-fundador e membro da Associação Brasileira de Desenho Industrial - ABDI e do Grupo Novas Tendências. De 1966 a 1967, projeta estampas para tecidos voltados a produção industrial. Na década de 1980, inicia pesquisa de construções em madeira, metal, inox e outros materiais, com efeitos de cor e movimento, os *Pluriobjetos*.

Comentário Crítico

Willys de Castro realiza suas primeiras pinturas no fim da década de 1940 e, a partir de 1950, trabalha com **abstração geométrica**. Em 1954, funda com o artista **Hércules Barsotti (1914)** o Estúdio de Projetos Gráficos, no qual trabalha até 1964. Dedicar-se à programação visual e a projetos de padronagens para tecidos. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalha também na confecção de cenários e figurinos para teatro. A produção do artista, na segunda metade da década de 1950, relaciona-se à dos artistas do **movimento concreto**. Denomina suas obras simplesmente de *Pinturas*, numerando-as ou indicando tratar-se de segunda ou terceira versão. Trabalha com um número deliberadamente restrito de questões: equilíbrio, tensionamento e instabilidade.

A obra *Desintegração 5* (s.d.) apresenta uma estrutura formada por triângulos coloridos, distribuídos em um eixo central-diagonal, que tende a girar sobre si mesmo. Esses triângulos estão unidos uns aos outros apenas por um dos vértices. A composição sugere um equilíbrio prestes a romper-se e é estabilizada pelos triângulos que se formam nos vazios entre os triângulos coloridos. Assim, convivem nessa obra simetria e assimetria e elementos reais e invisíveis. Em *Pintura 172* (s.d.), o artista apresenta a metáfora do eclipse, explorando a passagem de uma forma circular sobre outra. Já no outro quadro *Pintura* (1958) Willys lida com a relação de contigüidade e distanciamento: como em um jogo de bilhar, as esferas se tocam e impulsionam umas às outras. Nessas obras, trabalha com elementos e questões comuns ao movimento concreto: cores puras, formas geométricas, efeitos óticos e cinéticos e proximidade com o design gráfico. A estrutura básica do quadro não é rompida, como acontece em obras realizadas posteriormente.

A partir de 1959, cria os *Objetos Ativos*, suas obras mais conhecidas, constituídos por peças de madeira retangulares - perfis ou régua de madeira - recobertas de telas, com três superfícies pintadas de maneira abstrato-geométrica. Esses objetos são fixados à parede por um dos lados. A pintura apresentada no plano frontal demonstra, assim, uma continuidade nos planos laterais. O espectador deve movimentar-se e seu olhar precisa percorrer as superfícies para observar o objeto em sua totalidade. A obra parece flutuar no espaço e é criada no momento de sua percepção. O artista trata de questões relacionadas ao conflito entre superfície bidimensional e espaço real. Sua proposta é questionar a utilização da tela como suporte da linguagem pictórica e, dessa forma, aproxima-se da mesma vertente a que pertencem os trabalhos **neoconcretos** de **Lygia Clark (1920 - 1988)** e de **Hélio Oiticica (1937 - 1980)**.

Depois de quase duas décadas sem expor, em meados de 1970 e com base em pesquisas iniciadas com os *Objetos Ativos*, Willys realiza os *Pluriobjetos*, esculturas de metal ou madeira que resultam de operações semelhantes às dos *Objetos Ativos*: o deslocamento de uma porção ou elemento que reordena o todo. Dialoga assim com outras experimentações tridimensionais de artistas como **Amilcar de Castro (1920 - 2002)** e **Franz Weissmann (1911 - 2005)**. Em *Pluriobjeto A6* (1988), por exemplo, trabalha com uma estrutura de madeira vertical, na qual explora, através de um deslocamento, a tensão estabilidade/instabilidade, conferindo a esta,

entretanto, grande leveza. Nos *Pluriobjetos*, como nos *Objetos Ativos*, a obra nunca se completa, porque não existe ponto ideal de observação e o sujeito deve questioná-la de diversos ângulos de visão.

Willys de Castro explora sutilíssimas relações entre forma, cor, espaço e tempo. É um dos mais notáveis participantes do movimento neoconcreto e destaca-se por pesquisas que o levaram a ser um dos pioneiros a romper com a utilização da superfície bidimensional da tela como suporte para a linguagem pictórica. Os *Objetos Ativos*, para o crítico de arte Frederico Moraes, são a sua maior contribuição à arte construtiva brasileira.

Nascimento/Morte

1926 - Uberlândia MG

1988 - São Paulo SP

Formação

1941/1942 - São Paulo SP - Estuda desenho com André Fort

1948 - São Paulo SP - Forma-se em química

Cronologia

Pintor, gravador, desenhista, cenógrafo, figurinista, programador visual e artista gráfico

1926/1941 - Uberlândia MG - Vive nessa cidade

1941/1988 - São Paulo SP - Vive nessa cidade

1944/1955 - São Paulo SP - Trabalha como desenhista técnico

1948 - Realiza as primeiras pinturas

1950 - Realiza os primeiros desenhos ligados à **abstração geométrica**

1950 - São Paulo SP - Faz estágio em estúdios de artes e em gráficas

1953 - São Paulo SP - Realiza as primeiras obras concretas

1954 - São Paulo SP - Funda com **Hércules Barsotti (1914)** o Estúdio de Projetos Gráficos, no qual trabalha até 1964

1954/1957 - Participa do movimento Ars Nova, dirigido por Diogo Pacheco (1925), como "barítono", realizando "partituras de oralização" para poemas concreto-visuais apresentados no Teatro Brasileiro de Comédia - TBC

1955/1956 - São Paulo SP - Co-fundador e diretor de arte da revista *Teatro Brasileiro*

1956 - São Paulo SP - Realiza cenários, figurinos e peças para o Teatro de Arena e o Teatro Cultura Artística

1957 - São Paulo SP - Conselheiro técnico da revista *Vértice*

1957 - São Paulo SP - Prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais - APCT

1958 - Itália, Suíça, França, Portugal e Espanha - Viaja por esses países e estabelece contato com artistas, críticos de arte, projetistas gráficos e industriais

1959 - Rio de Janeiro RJ - Une-se ao **Grupo Neoconcreto**

1959 - São Paulo SP - Participa como membro do júri da comissão organizadora do Salão Paulista de Arte Moderna

1961/1962 - São Paulo SP - Membro do conselho artístico da **Galeria de Artes das Folhas**

1963 - Paris (França) - Membro da Association Internationale des Arts Plastiques da Unesco

1963 - São Paulo SP - Co-fundador e membro da Associação Brasileira de Desenho Industrial - ABDI

1963 - São Paulo SP - Membro do júri do Prêmio Ampulheta

1963/1965 - São Paulo SP - Co-fundador e participante do Grupo Novas Tendências

1965/1967 - São Paulo SP - Projeta estampas para tecidos para produção industrial

1966/1967 - São Paulo SP - Eleito conselheiro da comissão nacional da Association Internationale des Arts Plastiques

1983 - São Paulo SP - Inicia a construção dos *Pluriobjetos*, dando continuidade à pesquisa em construções e objetos tridimensionais.

1995 - São Paulo SP - É lançado o vídeo *Willys de Castro*, com direção de Mara Mourão, pelo Sylvio Nery da Fonseca Escritório de Arte

2001 - São Paulo SP - É inaugurada a Sala Willys de Castro na Pinacoteca do Estado, com 43 obras do artista, entre desenhos, gravuras e pinturas

Exposições Individuais

1959 - São Paulo SP - Individual, na Galeria de Arte das Folhas

1962 - Rio de Janeiro RJ - Individual, na Petite Galerie

1962 - São Paulo SP - Individual, na Petite Galerie

1983 - São Paulo SP - Individual, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud

Exposições Coletivas

1953 - São Paulo SP - Salão de Agosto, na Casa do Povo

1954 - São Paulo SP - 3º Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia

1957 - São Paulo SP - 4ª Bienal Internacional de São Paulo, no Pavilhão Ciccilo Matarazzo Sobrinho

1957 - São Paulo SP - 6º Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia - Prêmio Governador do Estado

1958 - São Paulo SP - 7º Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia

1959 - Assunção (Paraguai) - Obras del Museo de Arte Moderno de San Pablo, no Salon Carlos Antonio Lopes

1959 - Rio de Janeiro RJ - 1ª Exposição de Arte Neoconcreta, no MAM/RJ

1959 - Rio de Janeiro RJ - Livro-Poema, no Jornal do Brasil

1959 - Salvador BA - 1ª Exposição de Arte Neoconcreta, na Galeria Belvedere da Sé

- 1960 - Rio de Janeiro RJ - 2ª Exposição de Arte Neoconcreta, no Ministério da Educação e Cultura
- 1960 - Rio de Janeiro RJ - 9º Salão Nacional de Arte Moderna, no MAM/RJ
- 1960 - Zurique (Suíça) - Konkrete Kunst, no Helmhaus
- 1961 - Paris (França) - 2ª Bienal dos Jovens, no Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris
- 1961 - São Paulo SP - 3ª Exposição de Arte Neoconcreta, no MAM/SP
- 1961 - São Paulo SP - 6ª Bienal Internacional de São Paulo, no Pavilhão Ciccilo Matarazzo Sobrinho
- 1963 - Kobe (Japão) - International Society of Plastic Art, na Daimaru's Exhibition Hall
- 1964 - Rio de Janeiro RJ - 2º O Rosto e a Obra, na Galeria Ibeu Copacabana
- 1965 - Londres (Inglaterra) - Brazilian Art Today, no Royal Academy of Arts
- 1966 - Bonn (Alemanha) - Brasilianische Kunst Heute, no Beethovenhalle
- 1967 - São Paulo SP - Exposição de Gravuras, na Galeria Arte
- 1969 - São Paulo SP - Gravuras Originais, na Galeria Astréia
- 1970 - São Paulo SP - Mostra Inaugural, na Galeria Astréia
- 1971 - São Paulo SP - Retrospectiva da Moda Brasileira, no Masp
- 1972 - São Paulo SP - Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois, na Galeria da Collectio
- 1973 - Bruxelas (Bélgica) - Imagem do Brasil, no Manhattan Center
- 1975 - Rio de Janeiro RJ - A Comunicação segundo os Artistas Plásticos, na Rede Globo - itinerante
- 1977 - Rio de Janeiro RJ - Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962, no MAM/RJ
- 1977 - São Paulo SP - Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962, na Pinacoteca do Estado
- 1982 - Rio de Janeiro RJ - Contemporaneidade: homenagem a Mário Pedrosa, no MAM/RJ
- 1983 - São Paulo SP - Imaginar o Presente, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud
- 1984 - Rio de Janeiro RJ - Neoconcretismo 1959-1961, na Galeria de Arte Banerj
- 1984 - São Paulo SP - Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras, na Fundação Bienal
- 1985 - Rio de Janeiro RJ - Encontros, na Petite Galerie
- 1985 - São Paulo SP - Destaques da Arte Contemporânea Brasileira, no MAM/SP
- 1987 - Paris (França) - Modernidade: arte brasileira do século XX, no Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris
- 1987 - Rio de Janeiro RJ - 1ª Abstração Geométrica: concretismo e neoconcretismo, na Fundação Nacional de Arte. Centro de Artes
- 1987 - São Paulo SP - 19ª Bienal Internacional de São Paulo - Em Busca da Essência - elementos de redução na arte brasileira, na Fundação Bienal
- 1987 - São Paulo SP - 1ª Abstração Geométrica: concretismo e neoconcretismo, no MAB/Faap

Exposições Póstumas

- 1988 - São Paulo SP - Aventuras da Ordem, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud
- 1988 - São Paulo SP - MAC 25 Anos: aquisições e doações recentes, no MAC/USP
- 1988 - São Paulo SP - Modernidade: arte brasileira do século XX, no MAM/SP
- 1989 - São Paulo SP - 10 Escultores, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud
- 1990 - São Paulo SP - Coerência - Transformação, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud
- 1991 - São Paulo SP - Construtivismo: arte cartaz 40/50/60, no MAC/USP
- 1992 - Curitiba PR - 10ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba/Mostra América, no Museu da Gravura
- 1992 - Zurique (Suíça) - Brasilien: entdeckung und selbstentdeckung, no Kunsthaus Zürich
- 1993 - São Paulo SP - Masp no Morumbi Shopping, no Shopping Morumbi
- 1994 - São Paulo SP - Bienal Brasil Século XX, na Fundação Bienal
- 1994 - São Paulo SP - Individual, no Masp
- 1994 - São Paulo SP - Willys de Castro, obras de 1954-1961, no Escritório de Arte Sylvio Nery da Fonseca
- 1996 - Rio de Janeiro RJ - Tendências Construtivas no Acervo do MAC/USP: construção, medida e proporção, no CCBB
- 1996 - São Paulo SP - Arte Brasileira: 50 anos de história no acervo MAC/USP: 1920-1970, no MAC/USP
- 1996 - São Paulo SP - O Mundo de Mario Schenberg, na Casa das Rosas
- 1997 - Porto Alegre RS - 1ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, na Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul
- 1997 - Porto Alegre RS - Vertente Construtiva e Design, no Espaço Cultural ULBRA
- 1997 - São Paulo SP - Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, no Itaú Cultural
- 1998 - Belo Horizonte MG - Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, no Itaú Cultural
- 1998 - Brasília DF - Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, na Itaú Galeria
- 1998 - Penápolis SP - Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, na Galeria Itaú Cultural
- 1998 - São Paulo SP - 24ª Bienal Internacional de São Paulo, na Fundação Bienal
- 1998 - São Paulo SP - Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner, no MAM/SP
- 1999 - Rio de Janeiro RJ - Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner, no MAM/RJ
- 1999 - São Paulo SP - Cotidiano/Arte. O Consumo - Metamorfose do Consumo, no Itaú Cultural
- 2000 - Lisboa (Portugal) - Século 20: arte do Brasil, no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão
- 2000 - Rio de Janeiro RJ - Mira Schendel, Sérgio de Camargo e Willys de Castro, no CCBB

- 2000 - São Paulo SP - Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento. Arte Contemporânea, na Fundação Bienal
- 2000 - São Paulo SP - Escultura Brasileira: da Pinacoteca ao Jardim da Luz, na Pinacoteca do Estado
- 2000 - São Paulo SP - Os Anjos Estão de Volta, na Pinacoteca do Estado
- 2001 - São Paulo SP - Individual, na Pinacoteca do Estado
- 2001 - São Paulo SP - Trajetória da Luz na Arte Brasileira, no Itaú Cultural
- 2002 - Rio de Janeiro RJ - Arquipélagos: o universo plural do MAM, no MAM/RJ
- 2002 - Rio de Janeiro RJ - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB
- 2002 - Rio de Janeiro RJ - Caminhos do Contemporâneo 1952-2002, no Paço Imperial
- 2002 - Rio de Janeiro RJ - Genealogia do Espaço, na Galeria do Parque das Ruínas
- 2002 - Rio de Janeiro RJ - Paralelos: arte brasileira da segunda metade do século XX em contexto, Colección Cisneros, no MAM/RJ
- 2002 - São Paulo SP - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB
- 2002 - São Paulo SP - O Plano como Estrutura da Forma, no Espaço MAM - Villa-Lobos
- 2002 - São Paulo SP - Paralelos: arte brasileira da segunda metade do século XX em contexto, Colección Cisneros, no MAM/SP
- 2003 - Belo Horizonte MG - Geométricos, na Léo-Bahia Arte Contemporânea
- 2003 - Brasília DF - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, CCBB
- 2003 - Campos dos Goytacazes RJ - Poema Planar-Espacial, no Sesc
- 2003 - Cidade do México (México) - Cuasi Corpus: arte concreto y neoconcreto de Brasil: una selección del acervo del Museo de Arte Moderna de São Paulo y la Colección Adolpho Leirner, no Museo Rufino Tamayo
- 2003 - Nova Friburgo RJ - Poema Planar-Espacial, na Galeria Sesc Nova Friburgo
- 2003 - Rio de Janeiro - Projeto em Preto e Branco, na Silvia Cintra Galeria de Arte
- 2003 - Rio de Janeiro RJ - Ordem x Liberdade, no MAM/RJ
- 2003 - São Paulo SP - A Gravura Vai Bem, Obrigado, no Espaço Virgílio
- 2003 - São Paulo SP - Escultores, Esculturas, na Pinakothek
- 2003 - São Paulo SP - Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira, no Instituto Tomie Ohtake
- 2003 - São Paulo SP - Um Difícil Momento de Equilíbrio, no Espaço MAM - Villa-Lobos
- 2004 - Rio de Janeiro RJ - 90 Anos de Tomie Ohtake, no MNBA
- 2004 - Rio de Janeiro RJ - Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira, no MNBA
- 2005 - Rio de Janeiro RJ - Soto: a construção da imaterialidade, no CCBB

Acervos

Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - SP

Coleção Museu de Arte Moderna de São Paulo - SP

Gabinete de Arte Raquel Arnaud - São Paulo SP

Textos críticos

"Independentemente de sua reduzida produção nos últimos anos - mais concentrado que está na programação visual ou nos projetos de padronagens para tecidos -, Willys de Castro criou, no início da década de 60, quando participante do movimento neoconcreto, uma série de trabalhos por ele próprio denominada de objetos ativos, cuja importância não deixou de acrescentar-se de novos aspectos na atualidade. Tal como nos desenhos e pinturas de Barsotti - mas já dispendo então de toda uma vivacidade cromática, lúdica e lírica, além de se colocarem claramente no caminho de superação do plano pelo espaço -, esses objetos propunham mais uma vez a velha questão do melhor ponto de encontro do virtual com o real. Eram peças de madeira, na espessura de tábuas, geometricamente tratadas pela pintura em três das suas quatro superfícies; com a quarta superfície ficavam presas à parede, de modo que o espectador podia realizar um percurso de visão de 180 graus, jamais conseguindo, no entanto, dispor a um só momento de toda a percepção de cada uma dessas peças. Ferreira Gullar, ao referi-las, nelas discerniu uma tentativa de eliminação da 'superfície básica da pintura, reduzindo o plano frontal da obra ao fio da superfície, à sua espessura. A cor que ocupa de alto a baixo esse exíguo plano rompe-se de repente em determinado ponto e o fragmento de cor, que falta ali, desliza para o plano lateral, indicando uma continuidade da superfície fora do plano. O problema colocado nessas obras é interessante e novo, porque repõe noutros termos o conflito entre a superfície bidimensional e o espaço de profundidade real: o tempo - o movimento do espectador - recupera a bidimensionalidade do espaço tridimensional'. Hoje, nos poucos novos objetos produzidos, Willys de Castro na verdade tem procurado aperfeiçoar aquela antiga pesquisa, inclusive, episodicamente, no campo do múltiplo, para dela extrair toda a riqueza de possibilidades implícitas".

Roberto Pontual

PONTUAL, Roberto. *Arte/ Brasil/ hoje: 50 anos depois*. São Paulo: Collectio, 1973. p.393.

"(...) Menos do que promover sínteses e acrescentar coisas ao mundo, Willys de Castro parece determinado em dissecar os milagres da razão, descer às várias e complexas dimensões, às várias e complexas articulações que produzem uma coisa, toda e qualquer coisa. Por isto, desde os objetos ativos de 1959, a estratégia sempre foi menos criar objetos do que evidenciar o caráter problemático do objeto, mostrar por assim dizer a sua situação, apontar para a sua natureza. No limite, investigar as condições de seu aparecimento. E se o problema do aparecer remonta, com toda a certeza, à mais pura tradição da metafísica grega, recebe aqui uma resposta decididamente moderna - trata-se de interpretar a percepção como uma certa modalidade de fazer lógico. Claro, a arte não repete, não deve repetir simplesmente as formulações da ciência. Basta lembrar a dissensão do artista frente ao mecanismo concretista. A dimensão estética faz muito mais: repõe o indivíduo no conturbado e estranho mundo atual ao levá-lo a fazer a experiência sensível do Real como o compreende e erige a ciência moderna. À maneira de Josef Albers, por exemplo, Willys de Castro vê a arte como um esforço de estruturação do real paralelo ao da ciência e indissociável dela. Se alguém argumentar que haveria, assim, algo de ciência nesta arte, talvez sejamos obrigados a concordar. Para logo acrescentar que, em última instância, também haveria algo de arte na ciência".

Ronaldo Brito

MODERNIDADE: arte brasileira do século XX. Paris: Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, 1988.

"Willys de Castro e Hércules Barsotti são dois artistas de São Paulo que, dissentindo da liderança de Waldemar Cordeiro, aproximaram-se do grupo carioca e participaram das mostras neoconcretas. Como pintores, tanto um quanto outro utilizavam-se de um vocabulário econômico derivado das experiências concretistas. Willys de Castro, porém, questionava a utilização da tela como suporte da linguagem pictórica e foi isso que o levou a criar os 'objetos-ativos' (...). Os 'objetos ativos' de Willys de Castro derivam da mesma vertente inventiva a que pertencem outras obras neoconcretas, especialmente os 'relevos' de Oiticica e algumas 'superfícies moduladas' de Lygia. São afins mas diversos, ou seja, uma resposta diferente à mesma questão geradora de todas essas respostas: o quadro (ou tela) como objeto da pintura. Do mesmo modo que o abandono do acabamento (fini) na pintura impressionista apontou para a autonomia da linguagem pictórica e, nesse curso, para a pintura abstrata,

a eliminação do objeto-tema conduziu a ruptura com a superfície bidimensional da tela. Willys, por assim dizer, a posiciona perpendicularmente à parede e nos mostra o seu fio, sua espessura, e pinta nela: realiza uma microcomposição que, por se estender à face lateral da 'tela', sublinha-lhe a tridimensionalidade".

Ferreira Gullar

AMARAL, Aracy (coord.). *Arte construtiva no Brasil*: Coleção Adolpho Leirner. São Paulo: DBA, 1998. p.178 a 181.

"À primeira vista, os primeiros trabalhos concretos de Willys de Castro são similares às obras dos membros do Ruptura. Valem-se da 'grade' que subsidia o arranjo dos elementos plásticos com fórmulas matemáticas e procuram uma imagem anônima. Entretanto, de imediato, o uso da cor distingue suas obras da produção do grupo. Um dos poucos talentos colorísticos do concretismo brasileiro, entendendo forma e cor de modo indissociável - forma-cor -, o artista indiferente ao dogma cromático de Waldemar Cordeiro e seus companheiros: a prescrição das cores primárias e complementares, a proibição do tonalismo e a dicotomia entre forma e cor com a submissão da segunda à primeira - regras simples mas restritivas, propondo a cor como conceito. (...) As experiências de Willys de Castro no concretismo, visando renovar o plano pictórico e a geometria euclidiana, respectivamente, como estrutura plástica e autônoma e linguagem visual emancipada, se desenvolveram em três vertentes de investigação: o exame da espacialidade característica da tela de cavalete, o estudo das possibilidades semânticas do léxico visual geométrico e a integração das pesquisas plásticas e informacionais em um só veio de experimentação. A conquista de um suporte avesso a manobras ilusionistas e de uma linguagem formal livre da obrigação de figurar as coisas do mundo foram etapas fundamentais no processo de autoconsciência da Pintura e na aquisição pelo pintor de meios plásticos-informacionais auto-presentativos e autônomos".

Roberto Conduru

CONDURU, Roberto. Willys de Castro: o belo na ordem do dia. 1998. 104 p., il. p&b. Mestrado - , Rio de Janeiro, 1998, p. 16-18.

"O esforço de Willys de Castro foi sempre no sentido de realizar uma obra auto-referente, atraindo a atenção do espectador para aquilo que acontece no espaço restrito da obra. Como escreveu o artista: 'Contendo eventos de seu próprio tempo - iniciados, transcorridos, findados e reiniciados - e ali demonstrados clara, fluente e indefinidamente, o *Objeto-Ativo* inaugura-se no mundo como instrumento de contar a si próprio'. Nele não há mais oposição entre frente e verso, direito e avesso, dentro e fora, centro e periferia, entre o real e o virtual, e, no limite, entre o espectador e a obra. Esta, como que flutua num espaço que ainda não tem nome, pois está sendo criado no momento da percepção. No *Objeto-Ativo*, como nos seus *Pluriobjetos*, dos anos 80, o espaço não é unifocal e perspectivista, mas aberto, envolvente, fenomenológico. O olhar do espectador, ativado, precisa estar atento a tudo que ocorre na tela, relevo ou objeto, ligando o que sobra com o que falta, suprimindo vazio com cheio, completando o que está incompleto, indo e vindo, em trajetórias elípticas. O tempo como matéria-prima. Não o tempo da máquina, pendular e repetitivo, mas o tempo orgânico, do corpo, que é sempre imprevisível".

Frederico Moraes

TRIDIMENSIONALIDADE: arte brasileira do século XX. 2. ed. São Paulo: Itaú Cultural : Cosac & Naify, 1999. p. 232.

"Enquanto o esgotamento das potencialidades reais e virtuais do plano leva Clark e Oiticica ao abandono definitivo da pintura, Hércules Barsotti jamais deixa de pintar, enquanto Willys de Castro se detém por muito tempo numa zona limítrofe entre o quadro e o objeto. Conhecedor das questões inerentes a pintura, dedica-se como faria um agente duplo a explorar minuciosamente os vários lados do problema. Ciente de que um acontecimento visual mesmo restrito ao plano nunca se esgota numa única leitura, usa de interferências mínimas para induzir o olhar a percorrer a superfície de uma borda a outra, percebendo falhas e deslizamentos, para assim remontar gestalticamente a composição. Através de pequenas aberturas e amplos vazamentos, sugere a continuidade da pintura para além do retângulo do quadro. O transbordamento da tinta para a lateral do suporte e daí para seu verso, um giro de 180 graus, força e resgate da espessura, dada essencial ao volume: na lâmina perpendicular à parede, o que no quadro era lado passa a ser frente e verso desaparece. A ênfase na frontalidade do que na origem foi perfil acaba por reduzir o objeto a um sarrafo onde interferem pequenos recortes e deslocamentos. A pintura enfim desocupa o exíguo espaço e, contra a parede, restam feixes de madeira ou tiras de metal. Passo a passo, através de ações discretas e conseqüentes, Willys de Castro forma seu pensamento plástico, o que equipara sua obra, metodologicamente, a um trabalho de investigação".

Maria Alice Milliet

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO, SP. *Arte moderna*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000. p.54.

Fontes de Pesquisa

AMARAL, Aracy (coord.). *Arte construtiva no Brasil*: Coleção Adolpho Leirner. Tradução Izabel Murat Burbridge. São Paulo: DBA, 1998. 364 p., il. color.

ARTE no Brasil. Apresentação Victor Civita; prefácio Pietro Maria Bardi. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2v.

AVENTURAS da ordem: Hércules Barsotti e Willys de Castro. São Paulo: Gabinete de Arte Raquel Arnaud, 1988. il. color.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 110 p. il., p.b. color. (Espaço da arte brasileira).

CASTRO, Willys de. *Willys de Castro: obras de 1954 - 1961*. São Paulo: Sylvio Nery da Fonseca Escritório de Arte, 1994. il. color.

DACOLEÇÃO: os caminhos da arte brasileira. Introdução César Luís Pires de Mello; apresentação Júlio Bogoricin. São Paulo: Júlio Bogoricin, 1986. 263 p., il. color.

EM busca da essência: elementos de redução na arte brasileira. Apresentação Sheila Leirner. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1987. 72 p., il. color.

LEITE, José Roberto Teixeira. *500 anos da pintura brasileira*. Produção Raul Luis Mendes Silva, Eduardo Mace; design Alessandra Gerin; trilha sonora Roberto Araújo. [S.l.]: Log On Informática, 1999. 1 CD-ROM.

MARINO, João (org.). *Tradição e ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*. Introdução João Marino; apresentação Roberto Muyaert. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984. 308 p., il. p&b color.

MODERNIDADE: arte brasileira do século XX. São Paulo: MAM, 1988. 32 p., il. p&b color.

MODERNIDADE: arte brasileira do século XX. Apresentação Pierre Dossa. Paris: Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, 1988. 352 p., il., p&b., color.

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO, SP. *Arte moderna*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000. 255 p., il. color.

PONTUAL, Roberto. *Arte/Brasil/hoje: 50 anos depois*. São Paulo: Collectio, 1973. 401 p., il. p&b.

SANTOS, José Roberto Marcellino (coord.). *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Apresentação M. F. do Nascimento Brito. São Paulo: Banco Safra, 1999. 357 p., il. color.

TRIDIMENSIONALIDADE: arte brasileira do século XX. Apresentação Ricardo Ribenboim. 2. ed. São Paulo: Itaú Cultural : Cosac & Naify, 1999. 264 p., il. color.

ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. Apresentação Walther Moreira Salles. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. 2v.